



Prova Final de Português

3.º Ciclo do Ensino Básico

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 91/Época Especial

14 Páginas

Duração da Prova: 90 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2015

Página em branco

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Deves riscar aquilo que pretendes que não seja classificado.

Para cada resposta, identifica o grupo e o item.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Lê o texto. Se necessário, consulta as notas.

Viagens à volta dos mundos dos livros de viagens

Com Ulisses, vivemos uma *Odisseia*; com Fernão Mendes Pinto, fomos em *Peregrinação* sem sair do sofá. Entretanto, a Índia está aqui ao lado e o Japão não tem de ser um lugar estranho¹. Viajamos nos livros, conduzidos pela jornalista Andreia Marques Pereira, para, se calhar, um dia viajarmos com os livros. De uma maneira ou de outra, um dia destes podemos chegar a Ítaca²...

«Conheço a Patagónia quase até ao cheiro», declara Francisco Guedes. Sabe, inclusivamente, que há uma estrada em linha reta, 40 quilómetros de nada e, de repente, um abismo com 150 metros de profundidade: um vale que é um oásis de quase 150 quilómetros de extensão. Da mesma forma, conhece a Cidade do México. Francisco Guedes – editor, tradutor, organizador do encontro *Literatura em Viagens*, que se realiza em Matosinhos – nunca esteve, fisicamente, na Argentina ou no México. Mas conhece o caminho para Rio Gallegos (quase) de cor e por lá se movimenta (quase) sem surpresas. Já lá foi com vários escritores: Lázaro Covadlo, Luís Sepúlveda e Mempo Giardinelli – de quem traduziu um livro, *Fim de Romance na Patagónia*. É assim que vai «conhecendo», «viajando por aí». «Posso não poder lá ir», constata, «por isso, viajo de outra maneira». Através dos livros.

«Os livros têm essa vantagem», nota Carlos Vaz Marques, «são o meio de transporte mais barato que conheço. Nós não podemos ir a muitos sítios, mas os livros levam-nos a sítios onde nunca poderíamos ir de outro modo. Nesse sentido, é um meio de transporte muito acessível e ao alcance de todas as pessoas que queiram usá-lo». Assim, quando foi convidado por uma editora para organizar uma coleção de livros, o autor do programa radiofónico *Pessoal e Transmissível* não hesitou em juntar as duas coisas de que mais gosta: ler e viajar. «A literatura de viagens conjuga as duas vertentes e é talvez a ligação mais feliz que eu posso imaginar para essas duas coisas».

Viajar é uma das ações mais antigas da humanidade, uma deslocação geográfica que atualmente se pode desdobrar em inúmeras formas, à medida de cada estudioso: a viagem iniciática³, a viagem de descobrimento e a viagem de turismo. «Toda a gente quer ir de férias, não é?», nota Francisco Guedes. E contar as viagens, seja oralmente ou através da escrita, espontaneamente ou com mais cuidado literário, é um impulso quase irresistível. Depois, enquanto uns se fazem à estrada, outros não saem de casa. É a magia da literatura de viagens. É a magia da viagem na literatura.

É verdade que a massificação do turismo e o advento⁴ da televisão e da Internet tornaram mais pequeno e mais familiar o mundo que a expansão ultramarina dos séculos XV e XVI imensamente desvendou. No entanto, ainda há espaço para deslumbramentos. Carlos Vaz Marques lembra as suas experiências em Veneza. «Achei aquilo extraordinário, porque é uma cidade que está sobre-exposta em termos de imagem; mas eu cheguei e aquilo surpreendeu-me, como se não tivesse visto nada, como se não soubesse nada. E eu pensava que já sabia exatamente tudo e que já tinha visto as imagens todas». E, por causa dos livros, tem uma viagem de sonho. «Os livros do Naipaul fizeram-me “ir” à Índia e querer lá voltar de corpo inteiro».

É o sortilégio⁵ da literatura de viagens, «que nos leva a imaginar que também podemos viajar», sublinha Francisco Guedes. Por isso lemos e, quando podemos, viajamos.

Andreia Marques Pereira, «Fugas», *Público*, 24 de abril de 2010 (adaptado)

NOTAS

¹ Neste parágrafo, faz-se referência aos títulos das seguintes obras: *Odisseia*, de Homero; *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto; *Índia*, de V. S. Naipaul; *O Japão é um lugar estranho*, de Peter Carey.

² *Ítaca* – ilha grega, de onde era originário Ulisses, herói de *Odisseia*.

³ *viagem iniciática* – viagem durante a qual se recebem ensinamentos que contribuem para o autoconhecimento.

⁴ *advento* – chegada.

⁵ *sortilégio* – ato de magia.

1. As afirmações apresentadas de **(A)** a **(E)** referem-se a informações do artigo de jornal.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto.

(A) Carlos Vaz Marques fez uma viagem a Veneza.

(B) Francisco Guedes é o organizador do encontro *Literatura em Viagens*.

(C) Carlos Vaz Marques é autor de um programa de rádio.

(D) Carlos Vaz Marques leu os livros de V. S. Naipaul.

(E) Francisco Guedes traduziu um livro de Mempo Giardinelli.

2. Para responderes a cada item (**2.1.** a **2.4.**), seleciona a opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. Quando afirma que conhece a Patagónia «quase até ao cheiro» (linha 6), Francisco Guedes refere-se

(A) a uma viagem turística que fez a essa região.

(B) ao que leu nos livros sobre essa região.

(C) às recordações que trouxe dessa região.

(D) às viagens de trabalho que fez a essa região.

2.2. Para Carlos Vaz Marques, os livros

(A) devem substituir as viagens, porque são mais acessíveis.

(B) são a melhor companhia que podemos ter numa viagem.

(C) ensinam muito mais sobre o mundo do que as viagens.

(D) permitem conhecer locais que dificilmente visitaríamos.

2.3. A viagem de Carlos Vaz Marques a Veneza surpreendeu-o, porque

(A) constatou que conhecia bem aquela cidade sem lá ter ido.

(B) esperava ficar deslumbrado quando chegasse àquela cidade.

(C) descobriu que aquela cidade era diferente da que imaginara.

(D) tinha pouca informação sobre aquela cidade antes de lá ir.

2.4. De acordo com as declarações de Francisco Guedes e de Carlos Vaz Marques, podemos concluir que

- (A) ambos gostam mais de ler do que de viajar.
- (B) ambos gostam de literatura de viagens.
- (C) um deles gosta mais de viajar do que de ler.
- (D) um deles só gosta de ler livros de viagens.

3. Selecciona a opção que contém uma afirmação **falsa**, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) Francisco Guedes conhece muitos locais devido aos livros que leu e que traduziu.
- (B) Carlos Vaz Marques foi convidado para organizar uma coleção de livros de viagens.
- (C) Francisco Guedes nunca esteve em Rio Gallegos, apesar de este local lhe ser familiar.
- (D) Carlos Vaz Marques regressou à Índia, depois de ter lido os livros de V. S. Naipaul.

4. Identifica o recurso expressivo utilizado em «os livros têm essa vantagem, são o meio de transporte mais barato que eu conheço» (linhas 16 e 17).

Página em branco

GRUPO II

TEXTO A

Lê o texto. Se necessário, consulta as notas.

Os navegadores solitários

Este mundo tem coisas. Confesse, leitor, que vale a pena andar por cá. Dificilmente se arranjará, em qualquer canto do universo, espetáculo mais variado, todo em golpes de teatro, embrulhadas situações, encontros inesperados, saídas falsas e entradas a destempo. E rúbulas¹. Os escritores que se dedicam à ficção científica não conseguiram, até agora, que eu saiba (e gabo-me de alguma coisa saber do género), criar um mundo que se assemelhe ao nosso em teor de excentricidade. Ao ponto de me deixarem, a mim, frio e indiferente, mesmo quando carregam no pedal amplificador dos monstros verdes e monoculares ou das algas falantes. Já sou sensível às imaginações poéticas, mas isso, mais que certo, é preconceito de classe.

10 Vem este preâmbulo² a propósito dos navegadores solitários. Em tempos admirei cegamente estes homens, a sua coragem, o desprendimento com que se deixam ir entre mar e céu, entregues a si próprios e à fortuna, que tanto protege os audaciosos como friamente os elimina. Ainda hoje lhes reservo um canto do coração. É verdade que admiro toda a gente que se atreva ao que eu, por mim, não sou capaz de fazer, mas estes navegadores merecem-me estima especial, ou não seja eu descendente de um povo de marinheiros.

15 Lá uma vez por outra, perde-se o navegador na imensidão dos oceanos. E aqui é que tem bom cabimento a frase com que abre esta crónica: «Este mundo tem coisas.» Porque mal o navegador se atrasa vinte e quatro horas na próxima escala, é certo e sabido que o mundo inteiro cai numa terrível inquietação, perde o sono e passa a alimentar-se da primeira página dos grandes e pequenos jornais. Toda a gente quer ajudar de qualquer maneira, telefonar aos bombeiros ou aos hospitais, arregaçar as mangas. Em espírito, vai tudo ao cais ou à praia deitar olhos para o oceano, a ver se aponta a vela. E não se fala noutra coisa. Estas duas palavras (navegador e solitário) estão cheias de tal prestígio que, dizê-las ou ouvi-las, é assim como sentir um vento de heroísmo a agitar os cabelos e as gravatas. De um momento para o outro, o mundo fica cheio de heróis sem oportunidade nem emprego.

25 E isto não fica por aqui. Vão esquadras para o mar, levantam voo helicópteros e aviões, gastam-se rios (melhor diria, oceanos) de dinheiro, tudo para encontrar o navegador perdido ou indiferente. A humanidade sente-se regenerada, humanitária. Dará o sangue, a bolsa, sei lá quê, para recuperar a serenidade e o navegador. Enquanto dura o transe³, a terra é um concerto de harmonias que enche os espaços infinitos de concórdia e de paz. É bom viver, então.

30 Quase sempre, o navegador aparece. Desviara-se da rota, apanhara um tufão, tivera uma avaria na rádio, sentira, talvez, vontade de cortar definitivamente com o mundo – que sei eu mais. Há um grande e geral suspiro de alívio, tão sincero que ninguém pensa em perguntar, sequer, quem vai pagar as despesas. Nem interessa. De tal maneira nos havíamos identificado com o navegador, que é como se o barco fosse nosso e nossa a aventura.

35 Este mundo tem coisas. Porque entretanto, e antes, e depois, passam todos os dias ao nosso lado outros navegadores solitários, doentes uns, desafortunados, sem casa nem trabalho, sem alegria, sem esperança – e ninguém atravessa a rua para lhes dizer: «Estás perdido, amigo? Estás perdido?»

José Saramago, *Deste Mundo e do Outro*, 3.^a ed., Lisboa, Caminho, 1986

NOTAS

¹ *rábulas* – pequenos episódios de carácter cómico.

² *preâmbulo* – introdução.

³ *transe* – estado mental durante o qual as pessoas agem de forma inconsciente, como se estivessem hipnotizadas.

1. Identifica dois motivos que levam o narrador a sentir uma grande admiração pelos navegadores solitários.
2. Justifica o recurso à repetição, ao longo do texto, da frase seguinte: «Este mundo tem coisas.» (linhas 1, 17 e 37).
3. Explica a intenção do narrador ao referir-se, no último parágrafo, a um tipo de «navegadores solitários» (linha 38) diferente daquele que foi retratado ao longo do texto.
4. Lê as estrofes 142 e 143 do Canto X de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.

TEXTO B

Nota prévia – Nas estrofes que antecedem as transcritas, a deusa Tétis revela aspetos relativos ao futuro dos portugueses.

«Até 'qui, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
5 Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

«Podeis-vos embarcar, que tendes vento
10 E mar tranquilo, pera a pátria amada.»
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
15 Das Ninfas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*,
edição de A. J. da Costa Pimpão, Lisboa, MNE/IC, 2003

- 4.1. Identifica o episódio a que estas estrofes pertencem e explica quem são os «Portugueses» aos quais Tétis se dirige no primeiro verso.
- 4.2. Tendo em conta o conhecimento que tens de *Os Lusíadas*, explicita a razão pela qual, neste episódio, os portugueses são premiados e transcreve duas expressões que ilustrem os prémios recebidos.

GRUPO III

1. Associa a palavra sublinhada em cada frase da coluna **A** à classe e à subclasse que lhe correspondem na coluna **B**.

Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
(a) <u>Caso</u> surja uma oportunidade, o navegador embarcará numa nova aventura.	(1) conjunção subordinativa comparativa (2) advérbio relativo
(b) Os navegadores desejam <u>que</u> a navegação seja bem sucedida.	(3) conjunção subordinativa condicional
(c) É impressionante a forma <u>como</u> estes homens se expõem ao perigo!	(4) advérbio de dúvida (5) conjunção subordinativa completiva

2. Classifica a forma verbal sublinhada na frase seguinte, indicando a pessoa, o número, o tempo e o modo.

– Talvez me perca no meio do mar, mas não quero deixar escapar a oportunidade de atravessar o Atlântico!

3. Para responderes a cada item (3.1. e 3.2.), escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões sublinhadas nas frases seguintes.

- 3.1. Os navegadores são, de facto, corajosos, não achas?

- (A) Vocativo.
- (B) Modificador do nome apositivo.
- (C) Predicativo do sujeito.
- (D) Modificador do nome restritivo.

- 3.2. Atualmente, os navegadores solitários orientam-se por GPS.

- (A) Complemento oblíquo.
- (B) Modificador do nome restritivo.
- (C) Complemento agente da passiva.
- (D) Modificador do nome apositivo.

4. Reescreve a frase seguinte na forma passiva, respeitando o tempo e o modo verbais.

Ao longo dos tempos, a humanidade tem admirado os ousados marinheiros que se aventuram nos mares.

5. Transcreve a oração subordinada relativa que integra a frase complexa que se segue.

Por muito que a ficção científica nos apresente uma recriação fantástica do mundo, os escritores que se dedicam a este género literário não conseguem inventar nada mais excêntrico do que a realidade.

Página em branco

GRUPO IV

No passado, as viagens eram lentas e implicavam muitos riscos. Atualmente, são bastante mais simples, rápidas e acessíveis. Assim, há mais pessoas a viajar e algumas preferem viajar sozinhas.

Escreve um texto no qual expresses a tua opinião sobre as vantagens e desvantagens de viajar sozinho.

O texto deve ter entre 180 e 240 palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2015/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – 180 e 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos);
 - um texto com extensão inferior a 60 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.	3 pontos
2.	
2.1.	3 pontos
2.2.	3 pontos
2.3.	3 pontos
2.4.	3 pontos
3.	3 pontos
4.	2 pontos
	<hr/>
	20 pontos

GRUPO II

1.	5 pontos
2.	6 pontos
3.	7 pontos
4.	
4.1.	5 pontos
4.2.	7 pontos
	<hr/>
	30 pontos

GRUPO III

1.	3 pontos
2.	3 pontos
3.	
3.1.	3 pontos
3.2.	3 pontos
4.	5 pontos
5.	3 pontos
	<hr/>
	20 pontos

GRUPO IV

.....	30 pontos
	<hr/>
	30 pontos
	<hr/>
TOTAL	100 pontos